

Pulsão de Morte e Crítica Cultural

Death Drive and Cultural Critic

Gabriel Almeida Assumpção*

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil



Resumo

Entre as concepções da metapsicologia que influenciaram as idéias de Sigmund Freud sobre a cultura, a pulsão de morte recebe especial destaque, dado que acentua uma visão mais radical acerca da violência humana. Além disso, o referido conceito apresenta sérias implicações na passagem do primeiro dualismo pulsional ao segundo dualismo pulsional e na transição da primeira tópica à segunda tópica do aparelho psíquico. O presente trabalho trata de um estudo teórico centrado em textos metapsicológicos freudianos circunscritos ao período de 1919 a 1940 – desde “O Estranho” (1919) até o *Compêndio de Psicanálise* (1938[1940]) – tendo por meta expor como evoluiu, no pensamento freudiano, a concepção de pulsão de morte, observando como essa se articula à compulsão à repetição, à culpa e à crítica cultural freudiana. Além dos textos estritamente metapsicológicos, daremos ênfase à obra *O Mal-Estar na Cultura* (1930). Buscaremos, também, auxílio de comentadores de Freud.

Palavras-chave: Compulsão à repetição, Culpa, Pulsão de morte, Visão freudiana da cultura.

Abstract

There are many conceptions in the field of metapsychology that had an influence on Sigmund Freud's ideas regarding culture. Amongst these, the death drive receives special highlights, due to the radical sight by Freud on human violence of which it was a result. Furthermore, the mentioned concept presents major implications in the transition from the first to the second dualism of drives, as well as in the shift from the first to the second topography of the psychic apparatus. The present paper is a study centered in Freudian metapsychological writings ranging from 1919 to 1940, from “The Uncanny” (1919) to *An Outline of Psychoanalysis* (1938[1940]), and its aim is to expose how the conception of the death drive evolves along the Freudian thought by means of the establishment of a link with repetition-compulsion, with guilt and with Freud's cultural critic. Besides the strictly metapsychological writings, we will emphasize the Freudian text entitled *Civilization and its Discontents* (1930). We will also seek for support from academic studies on Freud.

Keywords: Death drive, Freudian view of culture, Guilt, Repetition-compulsion.

*Dedico este trabalho ao Adão, fonte de muitas conversas e de boas risadas.

INTRODUÇÃO

O “pequeno século XX” (1914-1991)¹, marcado por tantas guerras e pela destruição em massa, convida-nos a refletir sobre os rumos da humanidade. No âmbito da psicanálise, Sigmund Freud se posicionou diante das atrocidades de seu tempo, servindo-se dos conceitos por ele próprio desenvolvidos, de forma a desenvolver um questionamento profundo sobre os rumos do Ocidente, tomando o psiquismo humano como ponto de partida. Desse modo, o tempo em que o referido autor viveu deu-lhe subsídio para transcender os limites da metapsicologia e da clínica, mas sem deixá-las de lado.

Pode-se tomar como exemplo dessa ruptura com uma especulação meramente metapsicológica o conceito de pulsão de morte, o qual possibilitou a Freud uma importante conquista no âmbito antropológico. Tal noção culminou na radicalização do seu ponto de vista acerca da cultura, no qual se apresenta uma visão mais crítica do progresso tecnológico e científico e se expressa uma imagem mais pessimista do ser humano, retratada na segunda tópica.

No que diz respeito à sua nova idéia de homem, Freud (1923/1978) elabora uma segunda tópica do psiquismo, na qual o Eu passa a ser visto como inconsciente em sua maior extensão e, em decorrência disso, desprovido de muito de sua autonomia para as outras instâncias psíquicas mais enraizadas no inconsciente, o Isso e o Supereu². De acordo com André Green,

¹ A expressão “pequeno século XX”, em oposição ao “longo século XIX”, pertence a Eric Hobsbawm e foi utilizada por Carlos Drawin em uma discussão sobre psicanálise e história das idéias. Cf.: Drawin, C. R. (1995). Gênese e significado da metapsicologia. *Reverso: Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, v. 40, pp. 68-82.

² Adotamos, para as instâncias psíquicas da segunda tópica, a terminologia dos tradutores de Dominguez Morano (1992/2003) e de Green (1983/1988), a saber: Eduardo Gontijo e Cláudia Berliner. Dessa forma, ao longo do artigo, escreveremos “Eu” no lugar de “ego”; “Isso” no lugar de “id” e “Supereu” no lugar de “superego”.

“Não foram numerosos os exegetas do pensamento de Freud que se deram conta da estreita solidariedade que liga a última teoria das pulsões à segunda tópica do aparelho psíquico. (...) Na verdade, a introdução das pulsões de morte modificava totalmente a concepção do funcionamento do aparelho psíquico”. (Green, 1983/1988, p. 286).

Quanto à opinião de Freud sobre os avanços da tecnologia e da ciência, conforme pontua o cientista político e social Krishan Kumar, “Freud (...) colocou um gigantesco ponto de interrogação em seguida à idéia moderna de progresso. A civilização e, *a fortiori*, a civilização moderna foi, sugeriu ele, construída ao custo de enorme sofrimento psíquico e de debilitamento.” (Kumar, 1995/2006). Esse pesar que se paga pelo progresso se deve em grande parte, em termos de psiquismo, à pulsão de morte, a qual atua na agressividade e na restrição da mesma, cujos resultados são, entre outros, a culpa e o masoquismo.

Pretendemos, com esse trabalho, verificar, em linhas gerais, como o conceito de pulsão de morte se desenvolve desde seu surgimento em *Além do Princípio de Prazer* (1923), em seu elo com a compulsão à repetição, e sua relação com a segunda tópica do aparelho psíquico, com a culpa e, finalmente, com a cultura. Recorreremos, nesse processo, a textos metapsicológicos desde “*O estranho*” (1919) até o *Compêndio de Psicanálise* (1938[1940]). De modo a expor como a pulsão de morte conduziu Freud ao amadurecimento de sua crítica cultural, recorreremos ao *Compêndio* e à obra *O Mal-estar na Cultura*³ (1929[1930]).

Trata-se, portanto, de um estudo teórico, centrado na leitura do texto freudiano, no qual recorreremos aos seguintes comentadores: A. Green, B. Fuks, C. Dominguez Morano, J. Birman, L. Figueiredo e R. Mezan. Após a exposição sobre metapsicologia,

³ Usaremos o termo “cultura” no lugar de “civilização” porque aquela é a palavra usada por Freud no título em alemão (*Das Unbehagen in der Kultur*). Veremos adiante (na seção “Cultura e Metapsicologia”) como o uso específico desse termo se articula à pulsão de morte, refletindo a proposta expressa do título do presente artigo.

procederemos à reflexão sobre crítica freudiana da cultura.

REPETIÇÃO, PULSÃO DE MORTE E PULSÕES DE VIDA

Nosso itinerário tem por início a idéia freudiana de compulsão à repetição, tal como descrita nos textos “O Estranho” e *Beyond the Pleasure Principle (Além do Princípio de Prazer)*. Após essa discussão, voltaremos nosso interesse à pulsão de morte propriamente dita, procederemos à segunda tópica e ao sentimento inconsciente de culpa. Finalmente, discutiremos a crítica da cultura de Freud.

É imprescindível lembrar Renato Mezan (1985/1986) que, em seu magistral trabalho *Freud, pensador da cultura*, apresenta-nos um valioso roteiro do caminho trilhado por Freud desde a compulsão da repetição até a pulsão de morte⁴. Recorreremos ao seu trabalho ao longo do artigo para auxiliar nossa argumentação e também para polemizar um tema em particular (a relação entre cultura e crítica da religião em Freud).

Em “O Estranho”, há importantíssimas formulações sobre a repetição, a qual possuirá, a partir de 1920, conexão com a pulsão de morte. Para Freud (1919/1996), a sensação do estranho corresponde a um afeto de medo diante de algo recalçado que retorna. Assim, compreende-se melhor o caráter de estranho: *algo familiar que permanece oculto, não sendo nada alheio ou novo*, mas sim algo que foi banido da consciência em decorrência do recalçamento.

Freud (1919/1996) associa a noção de estranheza com a compulsão à repetição. A repetição evoca tal efeito porque ela trata de um substituto sintomático para uma recordação, de modo que, ao invés de se lembrar, repete-se. Baseado na experiência da clínica, o autor (1920/1978), em *Beyond the Pleasure Principle (Além do Princípio de Prazer)* observou que os pacientes, ao invés de rememorarem certas coisas, repetem-nas

como uma experiência, remetendo, geralmente, ao Édipo, regularmente afetando a transferência.

Freud (1920/1978), ao discutir os sonhos comuns nas neuroses traumáticas – os quais são recorrentes, adquirindo caráter de repetição – repara que *tais sonhos não servem ao propósito de conjuração alucinatória para realização de desejo, sob tutela do princípio de prazer*. Tais produções oníricas servem a outro propósito, *anterior ao princípio de prazer*. Nesses sonhos, há tentativa de restaurar o controle dos estímulos, permitindo-nos conhecer melhor uma função do aparato psíquico, a qual não contradiz o princípio de prazer, mas independe desse e possui origem arcaica. Os sonhos das neuroses traumáticas, para Freud (1920/1978), portanto, são obedientes à compulsão à repetição, suportada pelo desejo de conjurar o recalçado e o esquecido.

A partir desses textos de Freud (1919/1996; 1920/1978), fica mais nítido como o autor reconhece, no psiquismo inconsciente, a predominância de uma compulsão à repetição a qual procede, provavelmente, da própria natureza das pulsões, a qual pode possuir tanta força a ponto de *prevaler sobre o princípio de prazer*⁵. Verifica-se, aqui, o caráter originário da pulsão de morte. Conforme nos diz Dominguez Morano (1992/2003), em *Crer Depois de Freud*, a pulsão de morte possui caráter fundante, e não derivado. Em decorrência dessa questão, a violência, para a psicanálise, “(...) está sempre presente e possui um caráter irreduzível, isto é, não-eliminável; e está em nós, quer gostemos ou não (...)”. (Dominguez Morano, 1992/2003, p. 256; 52n).

Essa especificidade pulsional poderosa, que antecede o princípio de prazer, explicaria o cunho assustador de certos aspectos do psiquismo e a reação terapêutica negativa (a qual é, em si, uma forma de

⁵ É importante ressaltar que, conforme nos informa Freud (1920/1978), existe também uma compulsão à repetição a qual é regida pelo princípio de prazer, que trata de repetir uma impressão prazerosa. Muitos vícios, por exemplo, podem trazer deleite.

⁴ Conferir, principalmente, pp.440-454.

repetição). Essa, para o autor (1924/1976; 1938[1940]/1949), diz respeito ao caso de pacientes que não melhoraram devido a um sentimento de culpa inconsciente (no qual nos aprofundaremos nas seções seguintes), resultando num sério obstáculo ao sucesso na análise. A satisfação desse sentimento constitui “lucro secundário da doença”, impedindo a recuperação. É interessante notar que muitas neuroses cessam quando uma desgraça real ocorre na vida da pessoa, pois há substituição de um sofrimento por outro, de modo que o necessário era sofrer. É o que Freud chama de masoquismo moral (sobre o qual mais será dito na seção seguinte).

Freud (1920/1978) pretende, dessa forma, articular o pulsional à compulsão à repetição. Para tal, comenta que há *uma pulsão inata na matéria orgânica, impelindo-a ao reestabelecimento de uma condição prévia, a qual teve-se que abandonar pela influência de forças perturbadoras*. Em *An Outline of Psychoanalysis (Compêndio de Psicanálise)*, o autor (1938[1940]/1949) retoma a especulação acerca do pulsional e discute que as pulsões são causa da atividade, ainda que possuam caráter conservador – o qual se reflete na tendência humana de restabelecer um estado vivenciado, algo bem transmitido pela idéia de repetição. Acrescenta que *as pulsões apresentam-se nas tensões causadas pelas necessidades do Isso*, de modo que representam exigências somáticas apreendidas pela vida psíquica.

Como explica Mezan (1985/1986), a pulsão de morte não é uma formulação inédita em Freud, dado que ela aponta para idéias antigas de Freud: o *princípio de inércia* do “Projeto” e o caráter regressivo e conservador da pulsão. Essas considerações, somadas às idéias de regressão e de fixação, já mostram como a teoria psicanalítica aponta o homem como subversivo da evolução, dado que a psicanálise aponta muitas tendências contra-evolutivas no ser humano.

Um grande divisor de águas na metapsicologia das pulsões de Freud

(1929[1930]/1978) foi, um novo foco das pesquisas da psicanálise, o qual consistiu na passagem *do recalçado (as pulsões) ao recalcante (o Eu)*. Um ponto chave foi a introdução do conceito de narcisismo, ou seja: *a idéia de que a libido investe o Eu, tratando-o como objeto*. A libido narcísica pode se tornar libido objetual quando se volta ao objetos, podendo regredir à forma anterior novamente, uma vez introvertida ao Eu. Com tal conceito, viabilizou-se o estudo das neuroses traumáticas e de outras doenças próximas da psicose sob o ângulo psicanalítico. Ademais, não se fazia necessário (1920/1978) abandonar o ponto de vista segundo o qual as neuroses de transferência são tentativas de fuga da sexualidade, de forma que a antiga antítese entre pulsões do Eu e pulsões sexuais continua de grande relevância ao se tratar de neuroses.

É importante situarmos a temática das pulsões na teoria psicanalítica visto que, para o autor, (1929[1930]/1978), trata-se de um campo que sempre se mostrou problemático, que carece de definições precisas e é, ao mesmo tempo, uma área de suma importância para a psicanálise. *Havia, nos termos do parágrafo anterior, contraste entre as pulsões do Eu e as pulsões objetais (libido)*. *Estas se dirigiam aos objetos e aquelas, ao Eu*. A temática do narcisismo lançou um impasse, uma vez que o Eu podia ser tomado como objeto da libido.

A nova decisão tomada por Freud (1920/1978) foi distinguir, mantendo o ponto de vista dualista, as *pulsões de vida das pulsões de morte*. De forma épica, o autor (1923/1978) considera a aparição da vida como, ao mesmo tempo, *a busca pela preservação da vida a causa da busca pela morte*. Viver seria uma “solução de compromisso” e conflito entre essas duas tendências.

As pulsões cuja função se ligaria à preservação do indivíduo, ligadas à continuidade da espécie e à proteção contra o meio externo, seriam *as pulsões de vida (Eros)*, *contrárias e distintas das pulsões de morte*. Tal distinção, para o autor (1920/1978), con-

fere nova significação à teoria das neuroses. Freud pensa que, como os protozoários morrem de imperfeição metabólica, e possivelmente os outros animais morram por isso, as forças pulsionais que conduzem a vida à morte podem estar ativas nesses seres, tendo seu esforço obscurecido pelas forças de Eros, sendo difícil verificar as forças da morte.

Dessa forma, temos Eros ou pulsão de vida, cuja energia é a libido, e que opõe amor do Eu ao amor objetal. Freud explica (1923/1978; 1938[1940]/1949) que as pulsões de vida buscam estabelecer e conservar unidades cada vez maiores e visam à união. Eros busca a *manutenção da vida* e compreende a antiga antítese entre pulsões de autoconservação e as pulsões de conservação da espécie/sexuais.

A pulsão de morte, por sua vez, não possui energia nomeada (em oposição à libido de Eros). Ela busca a dissolução das conexões, destruindo a matéria. Essa pulsão mostra, de maneira bem nítida, a *idéia de retorno a um estado anterior – no caso, inorgânico*, segundo Freud (1923/1978; 1938[1940]/1949). Seu representante mais facilmente detectável é o sadismo. Nesse, a meta erótica é submetida à vontade da pulsão de morte. Onde parece não haver erotização da agressividade, vemos que a satisfação é acompanhada de um extraordinário entretenimento narcisista, devido à realização dos desejos de onipotência do Eu, conforme nos diz o autor (1929[1930]/1978).

Em *The Ego and the Id (O Eu e o Isso)* (1923), Freud (1923/1978) considera indispensável assumir que as pulsões se fundem, mesclam. A pulsão de morte, assim, pode ser amansada e neutralizada, sendo o imperativo destrutivo dirigido ao exterior por meio da musculatura. Nesse caso, a pulsão de morte é pulsão destrutiva, direcionada ao exterior (e, talvez, a outros organismos). Há, também, a possibilidade de uma des fusão pulsional. A pequena quantidade de sadismo da pulsão sexual seria um exemplo de fusão, ao passo que a perversão sádica con-

sistiria num exemplo de des fusão incompleta. A ambivalência, por sua vez resultaria de uma fusão incompleta. Já em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), pode-se:

“ (...) presumir que se realiza uma fusão e amalgamação muito ampla, em proporções variáveis, das duas classes de pulsões, de modo que jamais temos de lidar com pulsões de vida puras ou pulsões de morte puras, mas apenas com misturas deles, em quantidades diferentes. Correspondendo a uma fusão de pulsões desse tipo, pode existir (...) uma des fusão delas.” (Freud, 1924/1976, p. 205)⁶.

Para Freud, (1929[1930]/1978), era difícil provar a existência de outra pulsão. Em *Civilization and its Discontents (O Mal-Estar na Cultura)*, a idéia da pulsão de morte enquanto agressiva em parte e direcionada ao exterior é retomada. Nesse sentido, essa pulsão estaria a serviço de Eros, pois destrói aquilo que se situa fora ao invés de atacar o que está dentro do indivíduo. Se tal fluxo cessa, a agressividade se volta para dentro, resultando em auto-destruição.

Retomando o artigo freudiano sobre o masoquismo vemos que o masoquismo moral, para Freud (1924/1976), origina-se da pulsão de morte, correspondendo à parte desta que escapou de ser expulsa como pulsão de destruição. Por seu componente erótico, a autodestruição individual se realiza com gratificação da libido. Essa modalidade de masoquismo se vincula gravemente ao sentimento inconsciente de culpa e ao Supereu, discutidos na seção seguinte, após uma breve apresentação da segunda tópica.

O SUPEREU E A CULPA

No prefácio de *The Ego and the Id (O Eu e o Isso)*, Freud pretende refinar suas idéias desenvolvidas em *Beyond the Pleasure Principle (Além do Princípio de Prazer)*, as-

⁶ Modificamos a tradução de “instintos” para “pulsões”, por corresponder à linguagem adotada no presente trabalho.

sociando-as ao que verificou na prática clínica⁷. O autor (1920/1978; 1923/1978) verificou que as resistências que influenciaram na compulsão à repetição e os mecanismos de defesa como, por exemplo, o recalque, não possuem origem no inconsciente, mas no próprio Eu. Tal fenômeno, para Freud (1923/1978), nos mostra a importância de conceber o Eu enquanto, em grande parte, inconsciente. O Eu, acrescenta o autor (1923/1978), é dotado de um núcleo, ligado à percepção e à consciência, adjacente aos resíduos mnésicos. É importante notar que a outra parte do psiquismo da qual o Eu⁸ se estende e que age como se fosse inconsciente é o Isso.

O Eu não compreende todo o Isso, apenas a superfície mais próxima da percepção e da consciência, de forma que sua porção inferior se funde com o Isso, assim como o recalque, o qual constitui apenas parte dele. Assim, o recalque se aparta do Eu pelas resistências do recalque, comunicando-se com o Eu através do Isso. Freud conclui (1923/1978), então, que *o Eu é uma parte do Isso que se modificou pela influência do mundo externo; agindo através da percepção e da consciência*.

Podemos ver essa passagem como uma sofisticação do ponto de vista defendido em *Beyond the Pleasure Principle (Além do Princípio de Prazer)*, em que o autor (1920/1978) nos lança a metáfora de uma vesícula que, em contato com os estímulos de fora, reage ao meio através de uma diferenciação, uma cristalização da camada mais externa para resistir à profusão excitatória. Figueiredo (2003a; 2003b) ilustra

7 A compulsão à repetição; os sonhos das neuroses traumáticas; a reação terapêutica negativa e o sentimento inconsciente de culpa; o sadismo e o masoquismo, entre outras observações.

8 É importante considerar o Eu, em termos básicos, como a imagem que o sujeito tem de si próprio. Nossa leitura de Freud não se atém a um materialismo crasso e, portanto, não permite que se considere o aparelho psíquico como “localizável no cérebro”. Esse tema merece uma discussão mais ampla e não será desenvolvido no presente artigo, mas consideramos importante deixar nosso posicionamento explícito.

bem essa passagem e discute como, desde o princípio da constituição do psiquismo, já se apresentam clivagens no aparelho psíquico. O autor também discute o papel do trauma na constituição do Eu e aponta, recorrendo a Fairbairn, como há presença da esquizoidia na subjetivação humana. Figueiredo (2003b) vai ainda além e instiga-nos a pensar como isso tem se tornado mais nítido na contemporaneidade. Seu estudo se insere, desse modo, em um grupo de trabalhos bem pertinentes em que as rápidas modificações sócio-culturais fornecem subsídios para uma reflexão metapsicológica.

Retornado a Freud, observamos que o Eu, diante dessa diferenciação que o meio lhe proporciona em relação ao Isso, traz influências do mundo externo para agüentar as tendências do Isso e, *para tal, tenta substituir o princípio de prazer pelo princípio de realidade*. O Isso é tratado por Freud (1930[1940]/1949) enquanto *sede do inato e do herdado; do constitucional e das pulsões, originadas da organização somática*, as quais se expressam psiquicamente no Isso. Freud (1923/1978) assume um grau distinto dentro do Eu, o Supereu⁹. Essa parte do Eu responde ao que se espera da natureza superior humana, sendo substituto do anseio paterno, de modo que o poder original dos pais é transmitido aos mestres e às figuras de autoridade, as quais, através do Supereu, exercerão a censura moral. As exigências da consciência moral e os feitos do Eu engendram tensão sentida na forma de culpa.

O *Supereu*, dessa forma, desenvolve-se no ser humano, devido ao seu longo período de dependência infantil em relação aos pais. Esse se torna, conforme pontua o autor (1930[1940]/1949), uma “potência” contra a qual o Eu deve se impor (as outras são o Isso e a realidade externa). Conforme dito acima, não só a influência parental é relevante,

9 Em *O Eu e o Isso*, Freud utilizava Ideal de Eu e Supereu de forma idêntica. Posteriormente, os dois termos deixam de ser intercambiáveis. Green (1983/1988) discute tal questão em *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*, especialmente em pp. 140-141, onde recorre a Strachey. Importantes diferenças residem nas relações entre Ideal de Eu e narcisismo e entre Supereu e censura.

mas o efeito de tradições das crenças e das exigências do meio social. Assim, sucedem aos pais os educadores, padres, patrões. Tanto o Isso quanto o Supereu representam influência do passado: este, o recebido de outros durante a própria vida; aquele, as influências herdadas. O Eu, por sua vez, se refere ao atual e ao acidental.

Desse modo, o Supereu, conforme diz Freud (1923/1978), devido às autoridades herdadas, exerce forte papel enquanto fonte de consciência moral e sua atividade culmina no “sentimento inconsciente de culpa”¹⁰, sendo este a expressão de tensão entre o Eu e o Supereu. Aquele reage com angústia quando percebe não ter agido conforme as expectativas do Supereu.

Devido à atividade dessa instância, a qual eleva as manifestações da consciência moral a um novo nível, de forma que nem os pensamentos lhe são ocultos, confundindo-se o ato com a intenção, sendo esta suficiente para produzir culpa. Essa nova autoridade, para o autor (1929[1930]/1978), maltrata o Eu sem motivo aparente, atormentando-o com sentimentos de medo que remetem a situações as quais já foram vividas, geralmente na infância. Freud (1929[1930]/1978) nos diz que um elevado montante de agressividade teve de ser renunciado durante o conflito edípico; tendo como resultado a identificação, da parte da criança, com os pais; absorvendo a autoridade desses na forma do Supereu – a quem compete a agressividade que a criança gostaria de ter exercido contra aquele(s) com quem se identificou.

Apesar dos males causados pela culpa, Dominguez Morano (1992/2003) nos diz que a culpa é fundamental para nossa constituição enquanto seres humanos sendo, portanto, ingênuo tentarmos nos desfazer de algo que nos constitui enquanto pessoa, e nos permite reconhecer os erros para, a partir disso, tentar agir de forma mais digna. Todavia, quando a culpa se torna mórbida,

autodestrutiva, se mostra persecutória e vinculada eroticamente ao masoquismo.

É em uma discussão sobre a culpa e o Supereu, em “O Problema Econômico do Masoquismo”, que Freud reformula suas definições sobre o masoquismo com auxílio de sua nova teoria das pulsões, vinculando-o com “seu correspondente na vida pulsional, o sadismo”. (Freud, 1924/1976, p. 204). O masoquismo moral, um das modalidades de masoquismo discutidas no texto – e a que mais nos interessa – apresenta ênfase no masoquismo do Eu, o qual busca punição (do Supereu ou de poderes externos).

No ensejo da discussão sobre o masoquismo, compete que ressaltemos os trabalhos de teóricos que o estudam no âmbito da clínica, mas com vistas a uma reflexão mais ampla. É o caso, por exemplo, de Joel Birman, o qual (2001) considera que o declínio da figura paterna e de uma referência que ocupe esse lugar se liga ao desamparo contemporâneo, levando os sujeitos a se sentirem entregues ao mundo e, portanto, desprovidos de um ideal que impõe limites e, ao mesmo tempo, oferece garantias de segurança. Diante desse quadro, acentuam-se inúmeras manifestações patológicas, como os transtornos alimentares e as somatizações.

Birman ressalta, desse modo, o papel que o masoquismo influencia nos processos de subjetivação de nosso tempo. Figueiredo, autor que também vincula a psicanálise às questões contemporâneas com seriedade e concisão, (2003b) nos indica a importância da articulação entre metapsicologia e cultura para uma melhor compreensão das psicopatologias que se evidenciam em cada época, de forma a preservar o referencial teórico e, ao mesmo tempo, não se afastar da história e da sociedade. Ora, essa tarefa já se apresenta no próprio Freud. Um exemplo claro reside no fato de que, para o autor (1924/1976), a volta do sadismo ao Eu se relaciona com a *supressão cultural* das pulsões. Tal questão é aprofundada em *Civilization and its Discontents (O Mal-Estar na Cultura)*,

¹⁰ O próprio Freud critica essa nomenclatura, pois um sentimento, tecnicamente, não pode ser descrito como “inconsciente”. Cf.: Freud, 1924/1976, p. 208. Seria mais adequado falar em “necessidade de punição”.

texto que nos conduz à próxima seção.

CULTURA E METAPSIKOLOGIA

Em *Civilization and its Discontents* (*O Mal-Estar na Cultura*), o propósito da vida humana, para Freud (1929[1930]/1978), seria a busca da felicidade e a manutenção desse estado; evitando o desprazer e buscando prazeres. A tal busca se relaciona o que Freud intitula o *princípio de prazer*, cujo projeto está em constante conflito com a realidade. Nossa própria constituição, no entanto, é um limite para nossa felicidade, sendo que o sofrimento vem de três fontes principais: nosso corpo (destinado a perecer); o mundo externo; e as relações com os outros homens (talvez seja o que cause mais dor).

O reconhecimento das limitações do corpo e das dificuldades impostas pela natureza nos levam a buscar uma nova direção aos nossos esforços. Freud discute (1929[1930]/1978) os avanços mirabolantes da técnica e da ciência, os quais permitiram ao homem aumentar seu domínio sobre a natureza. Esse controle recém-adquirido sobre o espaço e sobre o tempo, todavia, não conferiu ao homem a tão sonhada felicidade, e tampouco aumentou seus prazeres. Assim, o poder sobre a natureza não é o objetivo último da humanidade em sua busca pela alegria. Ao se referir às fontes sociais de nossos pesares, adotamos uma atitude mais limitada: recusamo-nos a considerar a sociedade como geradora de tantos problemas. A própria cultura engendra muitas de nossas misérias.

Para Freud (1929[1930]/1978), a cultura consiste na soma de aquisições e de instituições que nos diferenciam dos animais e que serve a dois propósitos: proteger a humanidade contra a natureza e regular as relações dos homens entre si. De acordo com Mezan (1985/1986), a crítica da cultura de Freud se articula à crítica do fenômeno religioso, ao denunciar as limitações da re-

ligião em fazer com que os homens lidem com as renúncias pulsionais de forma sábia. Entramos em desacordo com Mezan, todavia, quando ele afirma que esse aspecto é o mais decisivo da crítica da religião freudiana, e não a crítica da religião enquanto fonte de ilusões. Ora, é justamente o aspecto de crença movida pelo desejo que nos permite refletir sobre aspectos narcísicos da religião, culminando na crença em uma alma imortal. Dito de outro modo, é a própria crítica de origem feuerbachiana da ilusão religiosa que mostra seu viés individualista e, portanto, se insere em um movimento de avaliação cultural.

Freud defende (1929[1930]/1978) que, no que diz respeito à intervenção humana sobre a natureza e à proteção da humanidade contra a mesma, o homem tem êxito razoável. Por meio de ferramentas, o homem melhora o desempenho de seus órgãos ou remove eventuais obstáculos. As máquinas substituem os músculos; óculos, telescópios e microscópios elevam o poder da visão; as câmeras registram impressões visuais e o telefone permite ouvir à distância. A cultura permitiu ao homem superar a sua condição de ser frágil da natureza (sem asas, garras ou dentes bem afiados) e do desamparo infantil. Admitiu para si um ideal – anteriormente atribuído aos deuses – de onipotência e de onisciência cultural; com auxílio de artificios. Nem mesmo a aquisição desse estado conferiu ao homem a felicidade.

Freud (1929 [1930]/1978) considera, em seguida, as relações entre as pessoas, sejam parceiros, parentes, vizinhos ou concidadãos. Os seres humanos se unem para se protegerem mutuamente. Surgem as restrições à liberdade individual pelas quais o sujeito ingressa na cultura. Uma tese de Freud (1983[1940]/1949), no *Compêndio*, é que a criança deve se converter, em poucos anos, em um humano civilizado, absorvendo, em pouco tempo, o longo e enorme avanço cultural da humanidade. Para tal, conta os pais, predecessores do Supereu, os quais restringem sua atividade com proibições e

castigos. *Um Eu forte e livre de problemas, desse modo, é adverso à cultura.*

Esta, diz o autor (1929[1930]/1978), é fundada na união entre indivíduos por laços libidinais; baseando-se nos ideais da sociedade como o “amar ao próximo como a ti mesmo”. Para Freud, tal amor só é viável por seu caráter narcísico, ou seja quando se pode amar alguém por ser semelhante a si mesmo em alguma medida (amando parte de seu Eu projetada no outro); ou ao ver seu ideal em outrem superior. Quando isso não ocorre, é mais fácil detestar o próximo, sendo hostil a ele; que não aparenta ser amável. Tal tendência à agressão perturba nossas relações com os outros e exige que a cultura institua suas demandas. A sociedade civilizada é ameaçada de desintegração devido à hostilidade primária do homem em direção aos outros.

A partir dessa problemática, Freud (1929[1930]/1978) discute como a cultura restringe a agressividade humana, a qual se opõe à sociedade. *O que ocorre ao indivíduo, quando cede a seus anseios ofensivos, é a internalização dos mesmos, enviando-os de volta ao Eu; sendo tais impulsos tomados pelo Supereu.* Essa instância, conforme dito acima, exerce a violência sob a forma de consciência moral – a agressão que o Eu gostaria de aplicar a outrem volta ao sujeito. O conflito entre Eu e Supereu é o sentimento de culpa, o qual se manifesta como necessidade de punição. Figueiredo (2003b) lança uma rica discussão sobre a incapacidade de fazer laços sociais e de respeitar a instâncias normativas que se observa na contemporaneidade e que se contrapõe ao conflito neurótico, no qual a o Supereu, a culpa e a lei exercem função fundamental.

Ao mostrar como um entrave ao progresso cultural, no que diz respeito às relações humanas e à disposição pulsional do homem, Freud radicaliza (1929[1930]/1978) sua crítica cultural, revelando o homem ocidental como um ser que ainda não se desenvolveu daquilo que há de mais primitivo e originário nele: a agressividade. Betty Fuks

(2003) repara como, após formular a pulsão de morte e introduzir na psicanálise o mal-estar (formas de desconforto psíquico), usa a palavra *Kultur* para discutir tanto a cultura quanto a civilização (o que justificou o uso desse último termo na tradução inglesa e na brasileira das *Obras completas*). A crítica cultural, desse modo, evolui drasticamente devido à postulação da pulsão de morte. Para Green,

“Freud não cessou, durante a última parte de sua obra, de colocar na balança a exigência imprescritível da pulsão e a exigência não menos imprescritível da civilização pedindo a renúncia à pulsão. Todo o desenvolvimento está marcado por essa antinomia.” (Green, 1983/1988, p. 205).

Diante de seu desamparo e de sua dependência dos outros; o homem obedece à lei, em termos psicanalíticos, pelo medo de perder o amor e, conseqüentemente, a proteção contra perigos. Fica nítido como a cultura, aos olhos do autor (1929[1930]/1978), fomenta o sentimento de culpa para vigiar as pessoas a partir do Supereu. Surge uma situação paradoxal: conforme diz Freud, a culpa é o maior problema para a evolução da cultura, sendo aquela – bem como a redução da felicidade – o preço do progresso cultural.

Para Freud, (1929[1930]/1978), a privação das pulsões destrutivas aumenta a culpa. No caso das pulsões sexuais, isso também geraria violência – e em conseqüência, mais culpa. Os sintomas neuróticos são, desse modo, gratificações dos desejos sexuais e, simultaneamente, castigos de culpa, a qual fortalece os sintomas. Assim, a moção pulsional recalcada tem os componentes libidinais convertidos em sintomas e os agressivos, em culpa. De acordo com Dominguez Morano (1992/2003), faz parte do processo civilizatório a recusa da bestialidade que provém da pulsão, sendo que a agressividade se torna em culpa, a qual inibe o sujeito. Diz ainda que Freud:

“ (...) Em sua obra *O Mal-estar na cultura*, de 1930, deixou-nos uma dramática e surpreendente interpretação de nossa vida em sociedade, como fruto tanto de um inevitável recalçamento como de uma obrigatória introjeção da agressividade na forma do sentimento inconsciente de culpa. Poucas vezes talvez se tenha colocado de modo tão penetrante o problema da difícil busca da felicidade.” (Dominguez Morano, 1992/2003, p. 26).

O ponto de vista freudiano (1929[1930]/1978) *é de que a agressividade é uma disposição pulsional inata e independente do ser humano, além de um poderoso obstáculo à cultura, a qual serve a Eros, buscando unir os indivíduos. A pulsão agressiva deriva da pulsão de morte, a qual disputa pelo domínio da cultura com Eros. O autor retoma, em texto posterior (1938[1940]/1949), que as pulsões se fundem e desfundem, gerando conseqüências decisivas. Além disso, as pulsões não se atêm a uma única região do aparato psíquico. Por exemplo, temos o Supereu, através do qual grande proporção da pulsão de morte se fixa no interior do Eu e atua nele de forma autodestrutiva; sendo esse um dos maiores perigos a que o homem se expõe em sua adesão ao desenvolvimento cultural. O convívio social nos faz conter muita agressividade, e nós a dirigimos a nós próprios, como no masoquismo.*

Um aspecto levantado por Mezan (1985/1986) consiste na relação entre a agressividade que o indivíduo exerce sobre si mesmo em decorrência da incapacidade de dar vazão à pulsão de morte. Podemos refletir sobre como, da mesma forma que a cultura utiliza a culpa como “medida defensiva” contra a violência inerente aos seus membros, o Eu tenta, em vão, utilizar mecanismos de defesa contra o conteúdo recalçado que podem, como efeito colateral, ser prejudiciais ao psiquismo do indivíduo (por exemplo, quando a projeção se torna desproporcional, pode culminar na paranóia). A cultura se mostra limitada em conter a “barbárie interior” que aloja o ser humano, sendo necessário imenso esforço para conter a violência de que o ser humano é capaz

– entram em cena as sublimações, os chistes e outras formas de contenção da destrutibilidade.

Fuks (2003) alerta que, sob o título “De Guerra e morte. Temas da atualidade”, Freud expunha sua descrença em relação ao progresso e à ciência, que se aliava à tecnologia bélica. Para a autora, Freud se indagava porque as conquistas intelectuais e científicas não reduziram a agressividade entre os povos. Outro estudioso de Freud que comenta a relação entre metapsicologia e cultura é o já referido L. Figueiredo, o qual recorre a Zygmunt Bauman para discutir a relação entre as dissociações da modernidade e os traumas e clivagens do homem contemporâneo (2003a).

Ao final de *Civilization and its Discontents (O Mal-Estar na Cultura)*, Freud (1929[1930]/1978) discute que o homem subjuga a natureza a um ponto tal que agora, pode destruir a humanidade. Sabendo disso, pergunta quando Eros fará frente a seu adversário imortal. Mezan (1985/1986), por sua vez, reflete sobre o apoio que Freud busca tanto no biológico quanto no social para pensar a relação entre psiquismo e cultura; o que nos leva novamente à idéia da pulsão enquanto intermédio entre natureza e cultura. Tendo em mente essas questões que nos dirigimos a uma conclusão desse trabalho.

CONCLUSÃO: VIOLÊNCIA, HUMANA E DESUMANA

A partir dos vínculos entre a pulsão de morte e a compulsão à repetição, verificamos que aquela apresenta um caráter originário, anterior ao princípio de prazer, uma modalidade primária de moção pulsional. Tal classe de pulsão, ao buscar desagregar a matéria, opõe-se ao trabalho das pulsões de vida, as quais se fundem com a anterior, de modo que agem juntas, como no sadismo e no masoquismo. Os vínculos entre a pulsão de morte e a segunda tópica se tornaram mais nítidos a partir desses casos, tendo como exemplo a atividade do Supereu, cujo funcionamento é fundamental de se conhe-

cer para uma melhor compreensão da visão psicanalítica da culpa.

Esta, por sua vez, traz à discussão os grandes sacrifícios ao psiquismo humano que a cultura exige. Não só abrimos mão da sexualidade, mas também da agressividade, para um convívio social mais seguro, embora não necessariamente mais feliz. Devido às renúncias que empreendemos, a violência que desejamos dirigir a outrem incide sobre nós mesmos na forma de culpa e de conseqüente punição auto-inflingida.

Uma vez que o homem é, de acordo com o que a psicanálise nos aponta pela via da pulsão, ser intermediário entre natureza e cultura, ele dispõe de vantagens e fraquezas em relação aos outros seres vivos. Pode erguer coisas incríveis e zelar tanto pela sua espécie quanto pelas outras, mas também pode destruir tudo – inclusive a sua espécie – em pouco tempo. Mesmo através da técnica mais sofisticada que o homem consegue desenvolver, a bestialidade humana transparece, tornando-o mais perigoso que

qualquer fera, devido a dois fatores: as armas destruidoras e o fato de que a violência humana, sendo regida pela pulsão, não cessa.

Não temos a ambição, nesse trabalho, de propor soluções de ação política, pois isso foge ao nosso escopo e exigiria uma reflexão sociológico-filosófica mais ampla. Eventualmente, a sociologia e a filosofia podem se beneficiar dos subsídios fornecidos pela teoria psicanalítica – a qual oferece, com grande qualidade, base para uma reflexão sobre a subjetividade e a violência humana – e vice-versa, desde que sejam respeitadas as particularidades de cada saber. Sendo nosso enfoque no psiquismo, o primeiro passo é refletir, a partir da metapsicologia, sobre como auxiliar as pessoas, na clínica, a lidar com a violência da qual não se pode fugir, não ignorando-a e nem abusando dela, mas reconhecendo-a enquanto realidade a ser encarada. Assim, realiza-se parte da tarefa de Eros, reconciliando o sujeito consigo mesmo. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Birman, J. (2001). Subjetividades contemporâneas. *Psychê* (São Paulo), ano V, v. 7, pp. 151-159.
- Dominguez Morano, C. (2003). *Crer depois de Freud*. (E. D. Gontijo, Trad.) – 1. ed. – São Paulo: Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1992).
- Drawin, C. R. (1995). Gênese e significado da metapsicologia. *Reverso. Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, v. 40, pp. 68-82.
- Freud, S. (1949). *An Outline of Psychoanalysis*. (J. Strachey, Trad.) – 3. ed. – London: The Hogarth Press. (Trabalho original escrito em 1938 e publicado postumamente, em 1940).
- _____. (1978). “Beyond the Pleasure Principle”. (C. J. M. Hubback, Trad.). In. S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud*. (pp. 639-663). Chicago: Encyclopaedia Britannica (coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1920).
- _____. (1978). “Civilization and Its Discontents”. (J. Riviére, Trad.). In. S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud*. (pp. 767-802). Chicago: Encyclopaedia Britannica (coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1929[1930]).

_____. (1996). "O Estranho". In. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XVII, (pp. 235-273). (J. Salomão, diretor da Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

_____. (1976). "O Problema Econômico do Masoquismo". In. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XVII, (pp. 197-212). (J. Salomão, diretor da Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

_____. (1978). "The Ego and the Id". (J. Rivière, Trad.). In. S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud*. (pp. 697-717). Chicago: Encyclopaedia Britannica (coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1923).

Figueiredo, L. C. (2003a). Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje. In: FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* (pp. 11-40). São Paulo: Escuta.

_____. (2003b). Subjetivação e esquizoidia na contemporaneidade: questões metapsicológicas. In: FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* (pp. 41-56). São Paulo: Escuta.

Fuks, B. B. (2003). *Freud e a cultura*. – 1. ed – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (coleção Passo-a-passo, vol. 19).

Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. (C. Berliner, Trad). – 1. ed. – São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1983).

Kumar, K. (2006) *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. (Ruy Jungmann, Trad.) – 2. ed. ampl. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1995).

Mezan, R. (1986). *Freud, pensador da cultura* – 4a ed., rev. e ampl. – São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1985).

Recebido em: 09/01/2008

Revisado em: 16/06/2008

Aceito em: 02/09/2008

Sobre o autor:

Gabriel Almeida Assumpção é estudante de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e Bolsista em PROBIC pela FAPEMIG, sob orientação do Professor Doutor Carlos Roberto Drawin, Psicanalista e Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: kalosthanatos@yahoo.com